

MULHERES QUE AMAM DEMAIS: REFLEXÕES SOBRE O GRUPO MADA •

Flávia Marinho Coelho¹¹ ; Iracema Teixeira¹²

WOMEN WHO LOVE TOO MUCH: REFLECTIONS ON THE GROUP MADA

• Artigo baseado na monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Sexualidade Humana do curso de Pós-graduação em Sexualidade Humana do Uni-IBMR.

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre o grupo MADA (mulheres que amam demais) de modo a refletir como esse grupo auxilia as mulheres participantes a lidarem com os limites, em preservar da própria individualidade, em elevar a autoestima, em ajudar a desenvolver um relacionamento de forma saudável consigo mesmo e com os outros. Estas mulheres apresentam dificuldades com os próprios limites, tendo em vista que “nunca dizem não” a si e ao outro, sendo movidas constantemente pelo desejo de agradar sempre o parceiro. Abordaremos também o amor por diferentes autores. Desta forma, este trabalho objetiva ampliar a compreensão sobre o tema, abrindo precedentes para novos estudos nesta área de pesquisa.

Palavras-chave: Amor; amor patológico; mulheres; obsessão.

Abstract: This article proposes a reflection on the group MADA (women who love too much) to reflect how this group helps participant women deal with the limits, to preserve their individuality, to raise the self-esteem, to help develop a healthy relationship with yourself in order and with others. These women have difficulties with the limits, in order that "never say no" to themselves and to another, constantly being moved by the desire to please always your partner. We also will treat love for different authors. Thus, this study has the goal to amplify the understanding on the subject, opening new precedents for research in this area of research.

Keywords: Love; pathological love; women; obsession

Introdução

O grupo MADA passou a ser mais conhecido em 2003 com a novela *Mulheres Apaixonadas*, exibida pela Rede Globo em horário nobre. Nesta novela, de autoria Manoel Carlos, havia uma personagem chamada Heloísa (vivida pela atriz Giulia Gam) que era, na trama, casada com um arquiteto chamado Sérgio (vivido pelo ator Marcelo Antony).

A personagem tinha uma insegurança muito grande pelo marido ser muito mais jovem. Apresentava um grande ciúme doentio e o amava demais chegando a provocar escândalos, picotar as roupas do marido, acusando-o constantemente de infidelidade, e até o ferindo com uma faca durante uma discussão. A personagem Heloísa era tão obcecada que quando o marido falava em ter um filho, ela desconversa porque não quer ter que dividir o seu amor com ninguém.

Na novela por conta de todas as situações vivenciadas a personagem foi orientada a frequentar o grupo MADA, nesse momento uma grande parte do público tomou conhecimento do grupo, observando com isso que muitas mulheres sofrem com esse problema.

O grupo MADA se intitula como uma irmandade de mulheres que compartilham experiência, força e esperança, onde busca resolver problemas comuns e ajudar outras mulheres a controlar esse amar excessivo.

¹¹ Psicóloga formada pelo Uni IBMR, pós graduanda em Sexualidade Humana pelo Uni IBMR.
e-mail: fmcpico@ig.com.br

¹² Psicóloga, Mestre em Sexologia Clínica (UGF), Especialista em Educação Sexual (SBRASH), doutoranda em psicologia (UFRJ) e Professora do curso de pós – graduação em Sexualidade Humana do UNI-IBMR. e-mail: iracema@iracemateixeira.com.br

As várias faces do Amor

O amor aparece nas mais diversas áreas do pensamento humano, das ciências à literatura em geral, da mitologia aos enquadres patológicos.

De acordo com o dicionário Aurélio amor é definido como “sentimento que impulsiona o indivíduo para o belo, digno ou grandioso; afeição de uma pessoa a outra, objeto do afeto” (1996, p.38).

Afirmações do senso comum como “isso é amor”, ou seu contrário, “não, isso não pode ser amor”, oscilam de acordo com as situações, mas cada um sabe exatamente como está sentindo seu amor, ou lamentando a falta dele, sofrendo pelo objeto amado. Talvez a única certeza que podemos ter em relação ao amor é que sobre ele não temos um único estilo de vivê-lo.

Platão (1995) foi um dos primeiros a distinguir dois tipos de amor: “Amor Autêntico”, aquele que liberta o indivíduo do sofrimento e conduz sua alma ao banquete divino, e o “Amor Possessivo”, o qual persegue o outro como um objeto a devorar, possuir e sufocar. O amor é a tendência a nos unirmos a quem amamos; o amor então ocupa a alma de forma a empregar todos os “espíritos do cérebro” para manter a imagem do ser amado, impedindo todos os movimentos que não sirvam a esse propósito, conforme exalta Descartes (1996).

Sartre (1997) destaca que o amor é um “ideal irrealizável” uma vez que queremos sempre algo impossível das pessoas que amamos. Na sociedade ocidental essa liberdade de escolha do parceiro contribuiu para acentuar uma ideia equivocada de que amar é simples, e que o difícil é encontrar o parceiro adequado.

De acordo com Borges (2004) há três formas de amor: o amor Eros, o amor Philia e o amor Caritas ou Ágape. O amor Eros é aquele que permeia o amor romântico. Esse tipo de amor é caracterizado pelo desejo, não necessariamente o desejo carnal, mas o desejo do que falta. Eros está ligado à morte, isso nos remete aos amores de Romeu e Julieta e Tristão e Isolda.

O segundo tipo de amor é o amor Philia (amizade), caracterizado por uma vontade de partilhar a companhia do outro, seja pelo prazer, pelo útil ou pela virtude. A Philia para Aristóteles (In: BORGES, 2004, p. 10) “é uma relação duradoura entre iguais, baseada na vontade de fazer o bem um ao outro e num prazeroso convívio”.

O terceiro tipo de amor é Ágape ou Caritas, mais próximo a Philia do que o Eros. É um amor de benevolência, porém não por uma pessoa em particular, mas por toda a humanidade. Esse amor leva a caridade desinteressada.

Lejarraga (2002) descreve que os amores variam, assim como as paixões humanas, não esquecendo, entretanto de levar em consideração a cultura e o contexto histórico de cada país. Assim nos fala Lejarraga (2002, p.12) o amor: “não é uma estrutura fixa nem universal, mas sim práticas lingüísticas que se transformam no curso da história humana”. No entanto para alguns dos autores entre eles Fischer (2006), Giddens (1992), Buss (2000) o amor é considerado um fenômeno universal.

Amar é um acontecimento que não se esquece. Quando se é surpreendido pelo amor, o cotidiano se transforma e tudo que cerca a vida do amante adquire novos sentidos (FERREIRA, 2004).

O amor construtivo é aquele que permite o crescimento e a realização pessoal de si e do parceiro (ADLER E KELEMAN, 2001) podendo também se tornar destrutivo quando rompe as fronteiras e vem acompanhado de dor e sofrimento. O amor quando em excesso é chamado de amor patológico que se caracteriza pelo comportamento de prestar cuidados e atenção ao parceiro de maneira repetitiva e desprovido de controle, em um relacionamento amoroso (EGLACY, 2008).

Mulheres que Amam Demais

O foco deste trabalho é a proposta do grupo MADA, cujas informações se apóiam no livro “Mulheres que amam demais”, da autora Robin Norwood, de 1985, que originou o grupo MADA, e no site do referido grupo. A autora, que é psicóloga, escreveu este livro baseado na sua própria experiência e na experiência de centenas de mulheres envolvidas com dependentes químicos. Ela percebeu um padrão comum de comportamento em todas as mulheres e as chamou de “mulheres

que amam demais”. No final do livro, a autora sugere como abrir grupos para tratar doenças de amar e sofrer demais.

No Brasil o primeiro grupo MADA foi aberto em São Paulo, por uma mulher casada. A primeira reunião foi realizada em 16 de abril de 1994. Em seguida foi o Rio de Janeiro, em 6 de julho de 1999, que completa neste ano 10 anos do grupo MADA. No Estado do Rio de Janeiro existem atualmente 11 grupos com média de 15 participantes em cada um.

Quando na experiência de amar não há controle e a liberdade de conduta está comprometida, de modo que esse sentimento passa a ser totalmente absoluto na vida de uma pessoa; quando outros interesses e atitudes, antes valorizados, encontram-se relegados a último plano, podemos estar diante de um quadro chamado, atualmente de Amor Patológico (NORWOOD, 1985).

Amar demais, ou o amor patológico não significa possuir muitos parceiros, ou apaixonar-se com muita frequência. Significa ficar obcecada e chamar obsessão de amor, refletindo um descontrole das emoções, do comportamento, e da própria vida.

As Mulheres que amam demais, de acordo com Norwood (1985), apresentam algumas características: são mulheres oriundas de um lar desajustado em que as suas necessidades emocionais não foram satisfeitas; como não receberão atenção durante a infância tentam suprir tal falta tornando-se muito atenciosa com o seu parceiro; apresentam também medo de ser abandonada e, portanto, são capazes de fazer qualquer coisa pelo objeto amado.

Quando as mulheres entram na fase da recuperação entram em um processo de abstinência (privação dos padrões de comportamento dependente), apresentando alguns sintomas como: ansiedade, depressão, angústia, suores frios pelo corpo, compulsões e obsessões químicas (álcool, drogas medicamentosas ou não), insônia, baixa estima ideias suicidas entre outros.

Para as mulheres que amam demais, o desenvolvimento da intimidade verdadeira com um parceiro só acontecerá após a recuperação. O sucesso está em aprender a viver a vida saudável, sem depender de outra pessoa para alcançar a felicidade (NORWOOD, 1985).

Considerações Finais

Encontramos na nossa literatura um vasto material sobre amor. Em sua maioria é abordado como uma experiência prazerosa e saudável presente em todo relacionamento, porém, identificamos os excessos explorados na mídia ou tratados no universo psicológico. Tais excessos são prejudiciais na medida em que vem acompanhado de um lado patológico do amor, que move o indivíduo a cometer atos destrutivos em relação a si mesmo e ao objeto amado.

O amor construtivo permite o crescimento pessoal, enquanto o amor patológico, caracterizado pela obsessão, gera atitudes destrutivas que vêm acompanhadas de grande angústia e sofrimento para ambos os envolvidos.

Percebemos que o grupo MADA acolhe mulheres que são dependentes de relacionamentos destrutivos que associam, com frequência, amor ao sofrimento.

Referências bibliográficas:

AURÉLIO. Dicionário. Rio de Janeiro: Scipione, 1996.

BORGES, M. L. Amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUSS, D. M. A Paixão Perigosa: porque o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

DESCARTES, R. As paixões da alma. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

EGLACY, S.C. Amor Patológico: aspectos clínicos e de personalidade. Tese de Mestrado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, SP, 2008.

- FERREIRA, N. P. A teoria do amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FISCHER, H. Porque amamos: a natureza e a química do amor romântico. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- GIDDENS, A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- GRUPO MADA. Disponível em: <http://www.grupomada.com.br>. Acesso em 12 de janeiro de 2009.
- KELEMAN, S. & ADLER, S. Couples Therapy as a Formative Process. Journal of Couples Therapy. Vol.10 (n° 2), p.49 – 59, 2001.
- LEJARRAGA, A. L. Paixão e ternura: um estudo sobre a noção de amor na obra Freudiana. São Paulo: Relume Dumará, 2002.
- NORWOOD, R. Mulheres que amam demais. São Paulo: Best Seller, 1987.
- PLATÃO. O Banquete. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SARTRE, J.P (1997) O Ser e o Nada: ensaios de ontologia fenomenológica. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.